

Literatura

CONTO INÉDITO

O BATELÃO E AS ÁGUAS Maria Helena Chein

*A vastidão parecia acalmá-la,
o silêncio regulava sua respiração.*

Ela adormecia dentro de si.

Clarice Lispector

Os momentos vividos ainda persistem. Saímos às quatro horas da manhã, da casa do doutor Hermínio, para a viagem temida e esperada durante muitos anos. A metade do caminho foi agradável e a outra metade, com trechos cheios de buracos e poeira sem fim. Chegamos às treze horas na fazenda da Viúva. Descemos a ladeira, a pé, e então, aqui falo por mim, deparei-me com o grande Araguaia, suas águas tranquilas que iam sem pressa e as árvores verdeando as margens quase infinitas. Era o instante em que meus olhos não se despregavam da paisagem até então desconhecida. O rio do Peixe o encontrava, abençoando-o, e me abençoei ao entrar no batelão que nos levaria ao acampamento. Minha serenidade acompanhava as águas que se afastavam para o barco passar. Foram minutos e minutos de curiosidade, de interrogações, onde procurava confrontar o rio de minha mente com o da realidade. O batelão cortava as águas, meu pensamento cortava a tarde selvagem. Sérgio se aproximou.

- Feliz ou arrependida?

- Extasiada.

Depois, em terra firme, ou melhor, na areia quente, arrastei meu corpo cheio de poeira e de amor. E o lavei na água do rio, sob os risos meus e das amigas, na hora abençoada de Deus. Vozes nos chamavam. O cheiro de peixe frito inundava o ar, e os sorrisos e palavras vinham das pessoas que acabara de conhecer. A temporada prometia ser generosa e eu estava de corpo e alma cadastrados para a aventura, deixando-me ir

por inteira nos arrepios do dia e nas líricas tessituras da noite. Eu não dependia de nada, nem de mim mesma. Eu só queria. E queria tudo o que fosse. Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, seria a fiel companheira das criaturas que me rodeavam naquele universo encantado. Ali, não precisaria de joias ou bugingangas, nem de saltos altos ou base-de-cetim-para-pele-sensível, mas de um alqueire de paixão, amor e entusiasmo. Isso eu tinha de sobra.

Chegou a hora da pesca. A canoa nos levava, eu sentia o cheiro do mato, da água, a canoa deslizava, o rio vinha e ia, o cheiro de peixe, o cheiro da água, o cheiro do cheiro. Fomos a uma praia “pra lá do pra lá pra lá”, como dizia o Zé Luiz. Pescamos bargadas, pirarucus, mandubés, dourado, curvinas, entre muitos outros, e fizemos a alegria de todos, principalmente a minha. Contamos façanhas, inventamos casos e tudo era repetido sem reservas. Pesquei o primeiro peixe, e a emoção tomou conta de mim ao ver o bicho pulando, debatendo-se na luta pela vida, a vara em arco, o gira gira do molinete, o peso pesado, o corpo tombado, que peixe será? Depois, a culpa de sacrificar o animal se misturou à alegria, e tudo ficou meio remendado dentro de mim.

A noite desceu calma, quase quieta. A lua clareava a grande praia, e as águas do rio refletiam a prata que caía lá de cima. Um boto passou, pulando e bufando. O violão e nossas vozes gastavam as últimas horas da madrugada. Sérgio soltou minha mão e fomos dormir. Eu, na barraca das moças, ele, junto com os companheiros. Quase amanhecendo, acordei com o barulho do vento que fustigava as folhas de bacuri da nossa tenda. Para os meus ouvidos, era pura melodia, dramática, e solene, e cheguei a ver Wagner regendo, sem orquestra, mas senhor das notas e das pautas. Levantei-me, esbarrei na lanterna, no chão, e Helô perguntou quem era. Comecei a rir, ela disse que só podia ser eu mesma, um fantasma quase marrom vagando por aqueles lados de água e de verdes.

Em uma tarde, viajamos rio afora até Bandeirantes. Cento e sessenta quilômetros, ida e volta, na canoa pilotada por Domingão. Éramos sete mulheres descobrindo as belezas daquele pedaço de mundo. O sol queimava, mas no meio do rio sentíamos o ar mais refrescante. Em certo momento, meu chapéu caiu. Domingão deu meia volta e pegamos o fujão que, depois, ficou esquecido em uma vendinha. As margens do rio abrigavam inúmeros acampamentos. O sol nos seguia e nós seguíamos o rio, que ora se esgueirava para lá, ora para cá, com as praias, jaburus, gaivotas, o banzeiro

e sua dança, canoas e barcos. Chegamos. Subimos a ladeira poeirenta e fomos às compras: sabão, açúcar, fósforo, carne, verduras e doces. A cidade era pequena e pobre com as casas de reboco estragado, e ali se viam mascates com suas malas misteriosas, vendedores em barracas, carros estacionados sob árvores, sujados e esquecidos temporariamente pelos donos. Observamos, curiosos, gente que entrava e saía das casas, das vendas, música e vozes, e soubemos que era a folia do Divino. A festa seria no domingo, o povo estava contente. Hora de retornarmos. O sol ia alto, prestes a baixar, logo seria noite. Chegaríamos lá pelas sete e trinta. Paramos em um acampamento espetacular. Fomos bem recebidos, com sucos e refrigerantes, conversamos um pouco e seguimos viagem. No entanto, acompanhou-nos a história de dona Leonor.

- Você ouviu, Domingão?

- Ouvi, não. Tava na cozinha numa prosa com o Oscar.

- O marido de dona Leonor sempre vinha pescar. Ele e mais uns amigos.

- Todos os anos.

- Ela pedia para vir também. A família dele acampava, podiam ficar com eles e até trazer as crianças. Mas ele nem aceitava conversar.

- Era sempre no mês de julho e demorava uns vinte dias. Ela, em casa, ruminava o ódio insano pelo marido. Tinha vontade de vir atrás dele. Não para ficarem juntos, mas para ele vê-la toda faceira na canoa junto a outras pessoas. E estaria linda, só de biquíni, sob o sol. Durante anos, roeu seu ódio por aquele homem de extrema feiura que lembrava o capeta, rosto triangular, olhos quase sem curvas, retos, e boca perversa.

- Ela continuava pedindo para vir, dava sugestões não ouvidas e depois se trancava, muda e perigosa, maquiavelando situações de risco, como aceitar a corte de Dalton, seu apaixonado, e se apaixonar por ele, ou viajar com Ivan, ficando aquele mês em Campos do Jordão.

- O tempo passava e deixava o sofrimento de julho para dona Leonor, até que uma vez trouxeram seu marido morto. Afogara-se espetacularmente ante os olhares petrificados dos companheiros. Tinha ficado em pé no barco, desequilibrou-se e caiu na água. Estava sem colete salva-vida, e a canoa ia a cento e vinte por hora.

- No ano seguinte, dona Leonor veio com amigos, sem os filhos, e ficou em um ótimo acampamento. Não parou mais, e trazia sempre as crianças. Nas duas vezes em

que não quis vir, adoeceu gravemente. Então, esse passeio ficou sendo quase uma obrigação para não adoecer. Ela tem quase noventa anos.

- Parece que tem mais, muito branquinha e magra. O bom é que gosta de conversar.

- Todos a adoram. Viram o cuidado dos netos?

- E os bisnetos, que gracinhas! A cada momento, chegavam perto, e ela lhes fazia um carinho.

- Disseram que tem histórias que não acabam. Perguntei se era feliz. Olhou-me, sorriu e, com a cabeça, afirmou que sim.

- Domingão, veja o que deu para nós: uma lata com biscoitos.

A noite vinha com a lua, nossa companheira. As águas brilhavam. Uma vontade enorme de chegar, o medo querendo acontecer, o frio, um barco, alguns peixes. Domingão, quanto falta para chegarmos? Um tempão, respondia com sua voz grave. A demora, o cansaço, o desejo de pisar a areia nos levaram a ver a Fazenda da Viúva, a curva do mato, as luzes do nosso acampamento. Estávamos em casa. Tanta alegria, o contar as novidades, e nem reclamamos do banho frio no chuveiro, porque a roupa quentinha e a janta fumegante nos acudiram. Mais tarde, a fogueira de todas as noites esquentou vozes e corações embalados pelo violão em mi ou dó, para um bolero ou uma modinha. Antes de irmos dormir, assistimos o Zé furar o dedo de Carlos para tirar uma grande ferpa.

O sábado amanheceu com um sol colorido de amarelo e laranja, acordando todo mundo para os fuxicos do dia. As canoas não descansavam. A todo momento chegavam e iam. Fui pescar com Míriam, Neto, Davi e Cristóvão no rio dos Peixes. Fiquei contentíssima com as pataquinhas que peguei. Ao voltarmos, olhava aquela imensidão de água, as gaiotas, as barracas azuis, verdes e vermelhas, ouvindo o ronco gostoso dos motores. No acampamento, os nomes mais falados eram peixe, barbado, mandubé, pirarucu, curvina e outros mais, que faziam a festa e satisfaziam o gosto de cada um.

No último dia, o contentamento e a saudade se misturavam, e quis aproveitar todos os minutos daquele encontro meu com a natureza mais bela que a imaginada. Fiquei bem próxima das pessoas que me acolheram, pois eu desejava vir, queria estar quando todos estavam, e ver o que viam. Foi tão rápido esse tempo, mas as belezas e os descobrimentos ficaram impressos em mim, sem nenhum disfarce.

Na manhã da volta, o batelão singrava as águas e eu recolhia cada trechinho da mata, cada ave que passava, tirando as últimas fotos de uma natureza pródiga e benevolente. Sérgio segurou meu braço e me olhou até a alma. Abraçou-me comovido e, nessa entrega, vi-me andando pela praia, as gaivotas em voos ligeiros, eu seduzida pelo sol que se afastava, as águas de ouro, a canoa rumando a subida, e o barqueiro dando adeus. Nunca mais fui a mesma. Em mim, algo de concreto se estabeleceu após uma descoberta quase inocente, ou mesmo tola: o Araguaia era realidade para qualquer um, portanto, também era meu. Poderia reparti-lo com quem quisesse, sem inveja escondida ou egoísmo dissimulado. Aquele universo abria-se para todos e jamais ficaria restrito à meia dúzia de criaturas nascidas para o próprio deleite.

Veio-me agora o pensamento de que a hostilidade do marido de dona Leonor era consequência de um grande segredo. Ele não o dividia com ninguém, mas deixava-o escapar, mesmo atrelando-o aos seus cuidados. Restou a ela a inspiração de continuar o caminho, e não deixar que as atitudes estranhas daquele homem, que nunca foi seu um dia, lhe cegassem os passos.

NóS

